

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Yve Sarkis da Costa

**Metamorfose das Religiosidades:
O culto à grande deusa mãe Ísis e a concorrência religiosa na
mensagem aos desprovidos na obra de Apuleio.**

Florianópolis – Santa Catarina

2015

Yve Sarkis da Costa

**Metamorfose das Religiosidades:
O culto à grande deusa mãe Ísis e a concorrência religiosa na
mensagem aos desprovidos na obra de Apuleio.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC), como parte das exigências do
programa do curso de História Noturno, para
obtenção do título de bacharel e licenciado.**

Orientadora: Aline Dias da Silveira

Florianópolis – Santa Catarina

2015

AGRADECIMENTOS

A Lóris Jorge Sarkis e Antônio Carlos E. da Costa, que me apoiaram durante os 6 longos anos de minha graduação.

A Guilherme Graciosa Pereira, por sua participação e incentivo.

A Aline Dias da Silveira, por sua orientação e paciência.

SUMÁRIO

Introdução	4
1. Ísis: Seu mito, simbologia, e mistérios.	11
1.1 O mito de Ísis	11
1.2 O feminino no Antigo Egito.	15
1.3 Os mistérios de Ísis.....	18
2. Ísis e Apuleio, Contexto e Obra.	21
3. Apuleio e Ísis: o Encontro, o Rito, e suas Relações com a Magia.....	27
3.1. A Participação de Lucio no Festiva em Homenagem a Ísis.	27
3.2 Lucio e as Rosas de Ísis.	35
3.3 A Mãe misericordiosa	39
Considerações Finais.....	42
Fontes	44
Bibliografia	44

INTRODUÇÃO

A sociedade romana possuía uma política expansionista, sendo este um dos principais fatores para que ocorresse um forte intercâmbio de diferentes culturas e religiões na região. O contato entre povos de culturas e religiões distintas nos faz perceber certos tipos de apropriações nestes campos.

Ana Carolina Caldeira Alonso nos afirma esta essência romana expansionista, e através dessas expansões, desses contatos entre povos e culturas diversas, é onde começa o objeto de estudo deste trabalho. O culto à deusa Ísis nasce no Egito como uma das partes fundamentais da mitologia egípcia, e é por meio destes contatos que esta deusa chega ao mundo romano onde é tratada com admiração por este povo.

É comum ouvirmos que o período convencionado pelos historiadores como o “Alto Império Romano” foi aquele onde houve o alargamento das fronteiras étnicas e territoriais romanas. No entanto, entendemos que essa noção é passível de revisão, pois foi durante a república que o território romano mais se expandiu, e que as campanhas das legiões romanas avançaram sobre territórios antes desconhecidos e submetem povos estrangeiros em regiões inóspitas ao julgo do poder romano¹

Com um intercâmbio cultural vasto, não é surpreendente o fato de certos deuses, cultos e ritos religiosos transitarem em um período de longa duração² até o ponto de serem absorvidos de maneira intrínseca a uma religião já previamente estabelecida. Assim como em qualquer troca, não é plausível dizer que somente a religião do povo dominado ou do povo dominante acrescenta novos elementos como afirma a autora Ana Carolina Caldeira Alonso³ ao explicitar que “o processo de apropriação existente entre as culturas romanas e provinciais acontecia dentro de uma dinâmica bidirecional”.

¹ALONSO, A. C. C. **O Império Romano e sua religiosidade: o exemplo do culto de Isis**. Nearco (Rio de Janeiro), v. N II, 2010. p.34

² Para Fernand Braudel, a longa duração estaria ligada aos aspectos estruturais que conformam uma sociedade, tais como o tempo geográfico, considerada uma história que se move lentamente, relacionada ao homem e as suas relações com o meio que o cerca, assim como os aspectos mentais. (Braudel, 1983, p.25)

³Mestranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Nos momentos e períodos históricos em que ocorreram trocas culturais, sendo elas inúmeras e constantes, em que diferentes povos e diferentes culturas tiveram contato, pode-se dizer através desta “dinâmica bidirecional” que ambos os lados absorvem traços “do outro”. Não há como manter uma neutralidade em que apenas um dos povos, uma das culturas, se permeie sem receber também nada em troca.

Os elementos que possibilitaram estas trocas culturais e religiosas não foram isolados, Turcan em sua obra *Cultsofthe Roman Empire*⁴, afirma que os escravos foram fundamentais para que estas trocas ocorressem, pois estes foram resistentes com suas crenças nativas em meio ao ambiente em que estavam inseridos. Os comerciantes que transitavam entre as mais variadas cidades também formam um meio de propagação de diferentes culturas e religiões como afirma Vanessa Auxiliadora Fantacussi ao dizer que “*A cidade de Alexandria é aqui destacada por ser uma cidade tipicamente grega em solo egípcio. Neste lugar houve uma troca cultural significativa, não somente entre os gregos e egípcios*”⁵.

Traços da religião egípcia saíram de seu território, e através destas trocas religiosas e culturais citadas os mistérios de Ísis chegam ao mundo romano séculos mais tarde, onde será descrito. Um destes relatos é o livro *Asno de Ouro* de Lucio Apuleio, sendo ele o objeto de estudo deste trabalho. Traduzida por Ruth Guimarães⁶, em que o seu autor original é um Filósofo e escritor satírico romano. Nascido em Madaura em 125 D.E.C. na Numídia, Apuleio foi uma notável figura da literatura, da retórica e da filosofia platônica de sua época.

A fonte primária escolhida para fazer este estudo é escrita em aproximadamente 160 D.E.C. em primeira pessoa, e “mistura características dos estilos grego, romano e africano do sec. II D.E.C.”⁷.

⁴ TURCAN, R. **Cultsofthe Roman Empire**. Oxford: Blackwell Publishing, 1996.

⁵ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O asno de ouro: Uma análise do culto da deusa Isis**. Site NetHistória. Brasília. Jan. 2004. Sessão Ensaios. Disponível em: <https://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/415/o_asno_de_ouro_uma_analise_do_culto_da_deusa_isis/>. Acesso em: 25 set. 2014, p.12.

⁶ Tradutora do livro **O asno de ouro** e outras obras, formada em filosofia pela USP, se especializou na área de jornalismo, onde teve contribuições importantes para jornais como O Globo.

⁷FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O asno de ouro: uma análise do culto da deusa Ísis**. Disponível em NetHistória. Brasília, jan. 2004. Sessão Ensaios. Disponível em: www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/415/o_asno_de_ouro_uma_analise_do_culto_da_deusa_isis. Acesso em: 25 set. 2014.

Apuleio nos deixa uma prova substancial sobre a forma como esses ritos e cultos a deuses que originalmente não faziam parte de determinada religião, no caso a romana, se incorporaram e ganharam força, como o caso sincrético dos cultos à deusa egípcia Ísis.

As continuidades e ressignificações que envolvem a imagem da deusa Ísis, nos remetem a forma como este sincretismo religioso está impregnado em sua figura. Os primeiros registros de adoração que o povo possuía por esta deusa estão registrados em seu berço, o Egito, em aproximadamente 2500 A.E.C., e ainda aproximadamente 2700 anos mais tarde, submersa neste processo de longa duração, ela ainda é retratada como a deusa mãe, senhora possuidora dos poderes mágicos a qual o povo seguia e adorava.

Ísis, segundo Vanessa Auxiliadora Fantacussi⁸, tem a sua imagem relacionada à regeneração do corpo e da alma, pois com seus poderes mágicos conseguiu regenerar o corpo do marido Osíris, e desta forma ganhou fama de poderosa nas civilizações as quais sua imagem esteve presente.

Christiane Desroches Noblecourt reforça o fato que “Ísis era a admirável companheira de Osíris⁹”, afirma que além desta filha de Nut e Geb ser a deusa mestra, ela é a mais importante e popular do mundo antigo, sendo ela a própria representação do Egito.

Desde a minha infância o mundo egípcio me encantava com suas crenças, a forma como os poderes divinos se associavam à vida mundana, afetando e interferindo na complexidade de toda uma sociedade. Não que este fato fosse restrito à religião egípcia, mas sim pela forma como se davam as personificações das divindades, pelo significado que atribuíam aos monumentos sagrados construídos através de uma avançada engenharia para esta época, e principalmente pela constante presença da magia e misticismo presente na sociedade. Ísis, como já dito antes, representa esse mundo do Antigo Egito, e uma de suas maiores características é o seu poder e domínio das artes mágicas.

⁸ Idem.

⁹NOBLECOURT, Christiane. **A mulher no tempo dos faraós**. SP: Papirus, 1994, p.37.

No Egito “a magia está presente em todas as partes, na sinuosidade de um conto que se acredita literário, como no interior de um túmulo ou nas paredes de um templo”¹⁰. Não existe a possibilidade de separarmos magia, religião e vida social, pois estes fatores estão intrinsecamente ligados entre si. Ísis tinha domínio da magia, era tida como poderosa por si só. Ela não precisava de outra divindade para auxiliá-la, ou permitir que ela manifestasse seus poderes, pois “o rito mágico atua diretamente, sem a intervenção de um agente espiritual”¹¹. *O Asno de Ouro* consegue transparecer toda a importância que os povos antigos davam a quem era possuidor das artes mágicas, sendo esta usada tanto para o bem quanto para amedrontar as pessoas.

A religião em Roma teve como objeto em seu primórdio “os antepassados, e por símbolo, o lar”¹². As características de Ísis como deusa ajudaram substancialmente a sua aderência à religião não oficial de Roma. Figura materna e senhora do lar, era adorada no privado e mantinha toda a sua popularidade fora da religião cívica romana.

O livro de Apuleio é uma sátira narrada em primeira pessoa, e como característica deste estilo literário, o autor “denuncia pelo ridículo as incongruências e anomalias do meio social, e do comportamento dos homens”¹³, em que o próprio Lucius, curioso em relação às artes mágicas, e com a ajuda da escrava Fótis, passa em seu corpo certo unguento com a intenção de transformar-se em ave, porém, Fótis é atrapalhada e troca os potes, fazendo com que Lucius vire um asno. A autora Eliete Marly D’Onófrío explicita bem o papel de Apuleio em sua própria obra ao afirmar que “temos aqui o herói pícaro, homem por dentro, asno por fora, usando de sua condição física para melhor ouvir e bisbilhotar sem punição, em oposição ao herói mítico”¹⁴.

O período que Apuleio passa com sua mente humana dentro do corpo de asno é marcado por infortúnios, sendo que logo na primeira noite a casa do senhor na qual Lucio se hospeda em sua história, é assaltada, fazendo com que o protagonista inicie

¹⁰ JACQ, Christian. ***O Mundo Mágico do Antigo Egito***. 1º Edição. Tradução Egito Gonçalves. Lisboa: Editora Asa. 2000, p. 10.

¹¹ MAUSS, Marcel. ***Esboço de uma Teoria Geral da Magia***. Tradução José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, p.14.

¹²COULANGES, Fustel de. ***A Cidade Antiga***. Tradução: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2001, p.106.

¹³ SILVA, Milton Afonso. ***A Sátira***. Revista IDIOMA. Rio de Janeiro. N° 22. 2002, p.33.

¹⁴ D’ONOFRÍO, Eliete M. ***As fantásticas Viagens de Lúcio***. O maravilhoso e o mítico em Apuleio. In: Itinerários. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. 8:77-84, 1995, p. 81.

sua saga nas mãos de ladrões, assumindo desta forma, injustamente, a autoria deste assalto.

Todas as tragédias que percorrem o livro e envolvem o protagonista devem-se ao fato de o mesmo merecer ser agraciado com os poderes da “grande deusa”, como ele mesmo chama. Para voltar a sua forma humana, era necessário apenas ingerir algumas pétalas de rosa, porém, Lucius somente encontra as rosas ao final de sua peregrinação. Fantacussi afirma que “Lucio é apresentado Metamorfoseado e depois segue todo o caminho de sua peregrinação, em forma de asno. Sua peregrinação simboliza sua preparação para ser iniciado nos cultos de mistérios”¹⁵.

Mesmo sendo um livro de literatura repleto de histórias fantásticas, Lucius em sua forma de asno participa de diversas peripécias, e imerso na sociedade romana nos narra a forma como os cultos a Ísis eram vistos e tratados, inclusive por ele, sendo que somente através da bondade e dos poderes desta poderosa deusa, consegue voltar a tão almejada forma humana. Desta maneira, imerge nos mistérios de Ísis e transforma-se em sacerdote da deusa.

Através do livro *O asno de Ouro*, obra que “mostra-nos o mais longo texto sobre cultos e mistérios que chegou da Antiguidade”¹⁶, conseguimos ver a importância e a forma como a deusa Ísis tornou-se popular. Apuleio deixa claro esta afirmação ao dizer que era quantitativamente considerável o número de seguidores que a deusa Ísis possuía. “Nisto veio uma grande multidão de homens e mulheres de toda a sorte e idade, resplandecendo com vestimentas de linho puro e muito branco, misturando-se com sacerdotes que ali estavam”¹⁷.

A fonte fora escolhida devido à forma que Lucius aborda a deusa Ísis e seus cultos, *O Asno de Ouro* é uma obra bastante estudada pelos historiadores de História Antiga devido à contemporaneidade de sua obra. Fantacussi analisa esse problema e ressalta que possibilidades de fontes são inúmeras, porém, o problema está no período em que foram escritas.

¹⁵ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, op. cit.

¹⁶ D'ONOFRIO, Eliete M., op. cit., p.5.

¹⁷ APULEIO. Lucio. O asno de ouro. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Cultrix, p.185.

As fontes são numerosas, com relação à literatura, muitos escritores gregos e romanos relatam sobre o culto a Ísis, no entanto, muitas dessas fontes se referem à realidade de períodos anteriores ao do autor, assumindo características de seu meio cultural¹⁸

O *Asno de Ouro* é narrado em primeira pessoa, sendo que Lucio descreve o que vê ao seu redor, sendo ele contemporâneo aos fatos narrados. A maneira como Apuleio enxerga a deusa Ísis é sublime, e sua descrição dos ritos de iniciação para tornar-se um sacerdote da deusa, após passar por toda sua peregrinação para demonstrar seu merecimento, é significativamente descritiva.

Assim através desta fantástica obra, Lucio nos deixa registrado esta manifestação coletiva de adoração a Deusa Ísis sendo que por meio de minha caminhada acompanhando Lucio, tracei uma resumida trajetória desta poderosa deusa que resistiu a longas durações, transformou sua imagem e ressignificou seus atos e poderes, mantendo sempre sua importância e seu lugar na sociedade. De forma indissociável ao cotidiano tanto da aristocracia, quanto dos menos favorecidos, percebe-se a motivação pela qual o Cristianismo, entre outros cultos concorrentes em Roma, apropriou-se do aspecto maternal de Ísis.

No primeiro capítulo deste trabalho irei falar do mito de nascimento de Ísis e seus irmãos, seu casamento com Osíris e a forma como o traz de volta a vida, assim como o porquê deste mito de criação ter sido tão importante. Tratarei também da maneira como o feminino era tratado no antigo Egito, o significado dos mistérios, como era vista a mulher, e finalmente como eram os cultos a deusa Ísis e suas manifestações.

O segundo capítulo irá tratar do contexto em que a obra de Lucio Apuleio foi escrita e o que a diferencia dos demais relatos sobre os antigos cultos de mistérios. Os motivos que tornaram o culto à deusa Ísis popular e até mesmo quem era Apuleio e a sua relação de admiração e medo de Lucio quanto ao que concerne às artes mágicas.

Irei trabalhar nesta parte de meu trabalho algumas das simbologias utilizadas por Apuleio e sua grande fuga ao encontro da deusa Ísis, que será abordado em seguida.

¹⁸FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, op. cit.

O terceiro capítulo é destinado a retratar o contato de Lucio metamorfoseado com a deusa Ísis, sua iniciação nos mistérios, a forma como a personificação da deusa aparece na obra, assim como a sua descrição da festa em homenagem a Ísis da qual ele participa como burro, bem como as pessoas que lá estão presentes e a popularidade do mesmo.

1. Ísis: Seu mito, simbologia, e mistérios.

Para que seja possível falar das metamorfoses sofridas pela deusa Ísis ao longo do tempo, é necessário primeiramente conhecer seu mito, o povo ao qual este mito pertencia, seus poderes e a relação que ela tinha com a sociedade, para que tivesse forças a ponto de transcender gerações.

O Egito é visto por muitos pesquisadores como “o berço das principais manifestações religiosas e filosóficas que influenciaram o Ocidente e que perduram até o presente”¹⁹. Pode-se dizer que tudo neste universo tem sua origem vinculada a algo, no caso das religiões o mais comum é que estas sejam originadas a partir de outras religiões. Os traços da religião egípcia podem-se observar na religião grega, romana, como também na católica.

O mito que envolve a deusa Ísis é tido como um dos mais importantes do mundo egípcio pois envolve, entre outros elementos, a explicação da criação do mundo; revela que Ísis era extremamente poderosa a ponto de conseguir trazer seu amado marido/irmão de volta à vida.

Para falar de Ísis e sua presença no antigo mundo egípcio, é preciso também saber o papel que o feminino possuía nesta sociedade, para que finalmente seja possível discorrer sobre o que foram os cultos de Ísis e como eles se manifestaram .

1.1 O mito de Ísis

Primeiramente, antes de narrar a forma como é expresso segundo Plutarco, devemos falar sobre a concepção de mito, já que este possui um sentido bastante abrangente e difuso.

Os mitos possuem diferentes papéis, sendo que estes variam de acordo com a sociedade e mitologia na qual estão inseridos, sendo um fenômeno de difícil definição. É uma forma de narrativa onde as sociedades antigas conseguiam explicar sua

¹⁹GOMES, Eunice Simões Lins ; GOMES DA SILVA, Pierre Normando . *Ísis e a alma do mundo egípcio*. In: Il congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em teologia e ciências da religião- ANPTECRE, 2009, Belo Horizonte. III Simpósio Internacional de teologia e Ciências da Religião. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009. v. único. p. 41.

religião, sua existência, os desastres naturais, seus medos, o cosmos, relações sociais entre outros aspectos. O mito está diretamente ligado ao rito, que é basicamente a sua participação de alguma forma neste contexto mítico, é a ligação direta do homem com o plano divino.

Existe toda uma gama de mistérios que envolvem os mitos, porém, sua capacidade de explicar situações simples como o porquê chove, o dia e a noite e as estações do ano, por exemplo, são eficazes e confortam as sociedades as quais esses mitos pertencem. O mito está ligado ao imaginário, entrelaçado e presente nas culturas. Alguns mitos, como o de Ísis, são tão fortes que perduram eras, e mesmo passando por transformações, sua essência continua. Joseph Campbell explicita isso ao afirmar que:

A situação típica é a de que os mitos da sociedade constituem modelos para essa sociedade em determinada época. A imagem mítica mostra a forma pela qual a energia cósmica se manifesta no tempo; à medida que mudamos tempos, mudam os modos de manifestação.²⁰

Campbell afirma também que pode-se dizer que a primeira função da mitologia seria dar um sentido à vida das pessoas de determinada sociedade. A partir da fala de Campbell podemos concluir que, como consequência da variação dos costumes, dos modos e das tradições, é preciso “reinventar” determinadas crenças, para que então elas possam novamente se ajustar aos novos moldes da sociedade e continuar assim dando um sentido de existência para as pessoas, uma explicação para o surgimento da vida, do cosmos e seus costumes.

Os mitos têm também como uma de suas funções primordiais afirmar o que é certo e que é errado para a sociedade. Podem ser vistos como um molde a ser seguido, e exemplificar as punições que serão dadas pelas forças divinas caso alguma dessas regras forem transgredidas. E mais uma vez, pode-se dizer que as regras, ou a forma como elas são vistas, mudam, precisando transformar determinadas histórias, determinados personagens mitológicos.

²⁰CAMPBELL, Joseph. *Mito e Transformação*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Ágora, 2008, p.17.

As semelhanças entre a mitologia grega e a mitologia romana são inúmeras e muito fáceis de ser percebidas. Uma diferença que se pode notar é que os deuses romanos tendem a ser mais agressivos, sendo esta diferença explicada pelo fato de que a sociedade romana costumava estar em guerra, um povo que viveu muitos anos em busca de expandir seu território e a partir deste fato, era preciso um panteão que representasse essa luta e bravura que os cidadãos precisavam ter. E assim, a mitologia cumpre o que segundo Campbell seria uma de suas funções básicas.

Mesmo retratando o que é mito e suas funções de um modo geral, ele é aplicado e cumpre suas funções desta maneira no mundo egípcio.

A deusa Ísis surge no antigo Egito, e a professora do Departamento de Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Eunice Simões Lins Gomes, escreve um artigo onde afirma que Christian Jacq teve acesso à documentação deixada por Plutarco e, a partir destes documentos, descreve o mito de Ísis arrolado à criação do universo para os egípcios, sendo o fundador Atum, Senhor do Universo e auto-criado, que a partir de um cuspe gera um casal de irmãos gêmeos que levaram o nome de Shu e Tefnut ²¹.

O mito de Ísis, assim como outros mitos egípcios, não possui somente uma versão. Segundo Mircea Eliade ²² estes mitos sofrem inúmeras mudanças conforme a cidade na qual estão sendo descritos, sendo que o deus local de cada cidade influencia na forma como são narrados. Neste trabalho optou-se por trabalhar com a versão narrada por Plutarco, por ser considerada “a mais completa versão do mito osiriano” ²³.

No antigo Egito, diferentemente do cristianismo, por exemplo, a relação amorosa entre dois irmãos era normal entre a realeza, por razões dinásticas, não gerando nenhum tipo de estranheza dentro da sociedade.

Os dois irmãos gêmeos, Shu e Tefnut, deram origem a Nut e Geb (respectivamente o céu e a terra) sendo eles também irmãos e de laços estritamente fortes. O deus Atum, percebendo tamanha ligação e força amorosa entre o Deus Terra e a Deusa dos Céus proíbe qualquer tipo de relação sexual entre eles.

²¹GOMES, Eunice Simões Lins ; GOMES DA SILVA, Pierre Normando, op. cit, p. 41-57.

²² ELIADE, Mircea. **História das Crenças e Ideias Religiosas**, volume I: **Da idade da pedra aos mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Edição 2010, p. 95.

²³ Ibidem,. p.102.

Nut e Geb desobedecem as ordens do grande deus, e assim, Nut fica grávida de quatro gêmeos. Do resultado desta união proibida nascem Osíris, Seth, Néftis, e a deusa objeto central deste estudo, Ísis.

Como já dito e problematizado anteriormente sobre a relação amorosa entre irmãos, Ísis e Osíris se casam, fazendo com que o deus se torne o rei da terra e primeiro faraó do Egito. Sabemos que no Egito os faraós possuíam, uma relação estreita com o divino, tanto que o primeiro faraó era o próprio deus Osíris.

Set, conhecido como o deus das tempestades, dos ventos, da inveja e ciúme, casa-se com Néftis, mas este Deus, ao contrário de seu irmão Osíris, era estéril, não podendo ter filhos. Dominado pela ira de ver seu irmão alcançando uma alta popularidade decide matá-lo de maneira traiçoeira após uma briga.

Não satisfeito em matar seu irmão, Set esquarteja o corpo de Osíris em quatorze pedaços, escondendo-os em várias partes do Egito. Ísis não se conforma com este fato e decide encontrar e reconstituir o corpo de seu falecido amado, saindo então a procura dos pedaços do corpo de Osíris com o objetivo de trazê-lo de volta à vida.

Após um longo tempo de procura, Ísis consegue cumprir sua missão, encontrando todas as partes do corpo do deus, menos o seu pênis.

Ela encontrou todas as partes, menos o falo, que fora engolido por um peixe. Então, convocou sua irmã Nebt-Het (senhora do templo, do culto) e organizou uma vigília fúnebre. Isis e Néftis, de corpo purificado (inteiramente depilados e boca purificada), pronunciaram encantamentos numa câmara funerária, obscura e perfumada com incenso²⁴.

A população se comoveu com a causa de Ísis e a auxiliou em sua missão de trazer novamente seu amado à vida. Enquanto isso, a deusa se agacha e envolve seu marido nos braços, lhe recitando doces palavras de amor e afeto na tentativa de que lhe trouxesse algum resultado.

Ísis, como citado anteriormente, é considerada a grande deusa da magia, sua imagem remetia para os egípcios poder, maternidade, senhora do lar, grandeza, e muitas destas suas atribuições se devem ao fato de que esta filha de Nut e Geb

²⁴ GOMES, Eunice Simões Lins ; GOMES DA SILVA, Pierre Normando, op. cit, p. 48.

desvendou os grandes segredos e mistérios da ressurreição através de sua persistência. Sendo esta uma das grandes demonstrações de poder da deusa:

Ísis transformou-se em um falcão fêmea, bateu asas para restituir o sopro da vida do defunto e pousou no lugar do falo desaparecido de Osíris, que ela fez reaparecer como magia. Então as portas da morte abriram-se diante de Ísis, que conheceu o segredo fundamental da ressurreição. Conseguiu fazer regressar aquele que parecia ter partido para sempre e ser fecundada por ele²⁵.

Ísis, a grande companheira de Osíris, conseguiu desta forma engravidar de Hórus, deus que já nascera predestinado a vingar seu pai da grande covardia de seu tio Set, que claro, segundo o mito, não ficou nem um pouco contente e satisfeito ao descobrir que Ísis tivera um filho, planejando assim a morte da criança.

Logo que a grande deusa protetora do lar descobriu os planos de seu irmão Set, escondeu Hórus nas margens do rio Nilo para que ele crescesse em segurança e assim conseguisse vingar seu pai quando fosse mais velho.

Hórus cresce e assim como seus pais, torna-se um poderoso deus representado com cabeça de falcão, sendo que este já nascera inimigo de seu tio Set. Mesmo sendo ambos da mesma família, travaram ao longo das eras inúmeras batalhas²⁶.

Ísis foi uma figura muito presente na vida dos egípcios. Ela era idolatrada tanto por cidadãos egípcios como de forma tardia, pelos romanos. Extremamente poderosa devido a sua ligação com os poderes mágicos e detentora dos segredos da vida.

1.2 O feminino no Antigo Egito.

A presença do feminino no mundo antigo é bastante significativa, pois estamos presentes diante de uma sociedade que soube mais do que qualquer outra, segundo Noblecout, identificar os elementos da natureza para que a vida fosse possível. Devido

²⁵ Ibidem, p. 48.

²⁶ Uma dessas batalhas deu origem ao famoso amuleto conhecido e usado até os dias atuais, o “Olho de Hórus”, tido por muitos adoradores contemporâneos da mitologia egípcia como um amuleto de proteção.

ao sistema de cheias e secas, os antigos povos que pertenciam àquelas terras valorizavam cada elemento, sendo a mulher um destes.

Cada um, tanto homem quanto mulher, tinha um papel a cumprir, tinha seu lugar e função na sociedade. Os egípcios identificaram as diferenças físicas e psicológicas dos gêneros, aplicando desta forma as características do feminino e masculino em suas divindades.

Assumir que homens e mulheres são diferentes não é necessariamente o mesmo que afirmar a subjugação de um pelo outro; não é assumir que um é mais inteligente ou capaz que o outro, é assumir as diferenças de forma complementar. O destaque da força física masculina é inegável, seja nos dias de hoje ou há 9.000 atrás, porém, de que serviria a sua força sem a geração da vida? Há mais que uma maneira de lidar com as diferenças físicas dos gêneros, e a maneira como os egípcios as tratavam, possibilitou a sua visão de complementariedade dos sexos.

O ciclo da vida passava pela presença da mulher, sendo ela a geradora da vida, e desta maneira o egípcio soube que esta presença do feminino era elemento fundamental de um sistema, da máquina da vida. Sendo a mulher elemento igualmente necessário, indispensável, era não menos importante que o homem neste processo, como afirma a autora ao dizer que “Os dois sexos, complementares na essência, desempenhavam cada um seu papel, sendo, tanto um quanto outro, igualmente respeitáveis” ²⁷.

Não somente na mitologia, mas também nas cidades era possível notar de acordo com as fontes existentes hoje, que a mulher possuía assim como o homem, os mesmos direitos, os mesmos deveres. A mulher egípcia era uma “feliz cidadã de um país em que a igualdade dos sexos parece ter sido considerada, desde a origem, como um fato natural” ²⁸. A mulher egípcia era livre, possuía os mesmos direitos que os homens quanto à propriedade, a estabelecer contratos, entre outros.

É complicado, porém, afirmar que as mulheres tenham tido os mesmos direitos e ocupado as mesmas posições na sociedade no decorrer dos mais de três mil anos de história da civilização egípcia, generalizando todo o perfil de uma mulher presente na

²⁷ NOBLECOURT, Christian, op. cit.,p. 18.

²⁸ Ibidem, p.207.

sociedade, e assim padronizar esta imagem. Havia diferenças sim entre ser uma egípcia livre, uma sacerdotisa, uma faraó ou até mesmo uma serva, e essas diferenças, provavelmente, se destacam com o transcorrer das dinastias.

A deusa Ísis seria a materialização desta igualdade. Tida como a deusa mãe, deusa de todos os deuses, o hino à Deusa Ísis afirma que grande contribuição desta igualdade deve-se a ela.

Oh Ísis...
És tu a senhora da Terra.
Tornaste o poder das mulheres
Igual ao dos "homens"²⁹.

A delicada imagem do estereótipo feminino, as constantes instabilidades de humor características deste sexo, juntamente com o fato de que quando preciso em momentos de defesa de sua prole, de seu lar e família, consegue libertar um lado amedrontador, exaltando forças de lugares ocultos e obscuros de seu corpo para assim defender o que ela tem por estima primordial, sua família, é possível perceber tudo isso em Ísis.

A presença do feminino em mitos tem como uma de suas características ser marcante, e Noblecourt ressalta isto ao dizer que:

Nas esferas divinas, o elemento feminino, bem longe de ser passivo, vai ser então associado, o parceiro, o protetor frequentemente, muitas vezes o provocador de distúrbios, amável ou, se necessário, agressivo ou truculento, sendo sempre boa mãe e também despertando a alegria dos deuses³⁰.

Essas características foram percebidas pelas sociedades antigas, e desta forma, a presença do feminino estava associada às forças da natureza, que possui belezas exuberantes, que passa calma e tranquilidade, mas que também possuem forças avassaladoras em suas tempestades imprevisíveis, com seus ventos calamitosos. Natureza esta berço da vida e alimentadora da mesma. Em sua tese, Vanessa Fantacussi diz que "Um mistério religioso no feminino é identificado na

²⁹ Passagem extraída do Grande hino à Ísis, num papiro de Oxirincos, nº 1380, 1224-16, século II A.E.C., Ibidem.

³⁰ Ibidem, p.208.

medida que este gênero se relaciona com a fertilidade feminina, a maternidade humana, a origem da vida, a alimentação e a morte”³¹.

1.3 Os mistérios de Ísis.

Os mistérios de Ísis eram velados pelo silêncio dos sacerdotes da deusa, sendo que somente aos iniciados eram revelados com exatidão quais os rituais eram necessários para se tornar seguidor desta grande divindade, o “guardar silêncio” está vinculado a esta discricção que existia entre os sacerdotes em relação as práticas tornavam uma pessoa normal, em merecedor da dádiva de ser um sacerdote de tão poderosa deusa.

Fantacussi afirma que Plutarco em sua obra *Ísis e Osíris*³², escrita em 100 D.E.C., quase que concomitantemente com a obra de Apuleio, faz com a origem da palavra “mistérios” que nos é dada por Macedo faça mais sentido ainda. Em sua obra, Plutarco afirma que o culto a Ísis era “um culto de mistérios, exigindo uma iniciação e segredo por parte dos fiéis”. A junção das palavras “Iniciação” e “segredo”, em grego, nos dá o termo “mistérios” que hoje seriam estes então os dois principais elementos dos antigos cultos de mistérios.

Os mistérios foram de suma importância e significância no mundo antigo, tanto que diversas outras religiões se apropriaram esta prática, para diferentes deusas e deuses, passando por transformações e apropriações. Ísis nasce no Egito e transita nas crenças e nas religiões grega, romana, bem com outro nome na cristã.³³

Para os egípcios, segundo Plutarco, os mistérios de Ísis estariam intrinsecamente ligados em assegurar a fertilidade em todo o Egito, sendo a fertilidade algo totalmente ligado à vida no Egito. Em um local como o Egito, uma terra não fértil poderia até mesmo significar a morte, significar que as pessoas não teriam uma boa

³¹ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2009, op. cit.

³² FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit, p.14.

³³A deusa Ísis transita pelas religiões no mundo antigo, através de seus cultos de mistérios, ela é adorada e venerada tanto na Grécia quanto na Roma Antiga com no nome de Ísis. Plutarco e Lucio Apuleio descrevem essa adoração a deusa nas camadas populares. A adoração a sua imagem e a crença do povo em seus poderes é tão forte que fica inviável para o cristianismo ignorar sua presença, desta maneira Ísis se transforma em Virgem Maria, com os mesmos traços de mãe misericordiosa.

colheita e desta maneira faltaria comida para o povo. Os valores são difíceis de ser mensurados já que estamos tratando de tempos antigos, em que as crenças e as necessidades eram totalmente diferentes do que temos conhecimento hoje.

Os gregos, assim como também outros povos antigos dependiam da agricultura, não sendo difícil imaginar o porquê do culto à deusa Ísis ser apropriado também por eles. Em cada local e época que Ísis “visita”, ela se fortalece, se molda à religião, e mediante tantos símbolos que esta deusa possui, sendo ela a grande mãe, a regente e detentora dos poderes mágicos, a que guia os falecidos pelos caminhos mórbidos do mundo inferior, a transmissora do símbolo real, a fiel e grande esposa/irmã do deus Osíris, e ainda ligada à vida e fertilidade inclusive do solo. Não é difícil imaginar de onde vem tamanha força para que seus mistérios e cultos transitem por séculos, com milhares de fiéis.

Os gregos tomaram de empréstimo aos egípcios os elementos fundamentais de seus mitos, e foi neles que se inspirou a vertente dos mistérios na qual se abeberaram numerosos credos. Ísis em especial, inclusive até os nossos dias, permaneceu como uma sombra benéfica na auscultação do saber³⁴.

Assim como dito anteriormente, o livro de Lucius Apuleio é tido como a maior e mais extensa descrição do que fora os mistérios de Ísis, e que muitos outros autores escreveram sobre os mistérios, porém, as obras e relatos foram narrados anos mais tarde, fazendo com que os autores não fossem contemporâneos aos fatos, gerando assim uma certa abrangência e subjetividade no que fora escrito.

Fantacussi afirma que o nome “Ísis” não é o nome original dado pelos egípcios para a deusa que eles amavam e idolatravam como sendo a “Grande Mãe”. Seu nome original, tanto no cotidiano quanto nos mitos era “Aset”. O nome que utilizamos para tratar a deusa hoje teve origem no povo grego, e foi com essa forma que seus cultos difundiram-se para fora do Egito. Vanessa também diz que a etimologia do nome “Ísis” foi apresentada em uma das traduções do livro *Sobre Ísis e Osíris* do escritor Plutarco.

³⁴ ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph, 2006, p. 86.

A palavra “Ísis” seria derivada de certos tempos do verbo grego *eidenai*, tomados do antigo verbo *isemi*, sob o significado de saber. Por isso que o templo de Ísis foi chamado por Plutarco de *Íseión*, “a casa onde podemos adquirir a ciência do ser”³⁵.

A partir da descrição do significado da palavra que deu origem ao nome da Deusa, podemos ver claramente o que esta personificação significou para os antigos. Ísis era a grande maga, detentora dos saberes da magia e das artes de trazer os mortos para o mundo dos vivos. A palavra “saber” muito descreve o significado de sua presença, de sua imagem.

Uma deusa repleta de signos, significados, em que seus antigos cultos de mistérios foram marcantes para o mundo antigo, tão marcantes que conseguem um lugar no tempo e na história, transitando entre séculos. Não que os demais deuses e deusas não foram importantes para o antigo mundo egípcio, mas que os significados que envolvem e mistificam Ísis possuem um certo destaque, uma certa diferenciação de força entre os demais.

Este fato se deve ao motivo de que Ísis é uma emanção do princípio feminino ancestral das religiões do Mediterrâneo e do Oriente Próximo, que encontrou na sociedade egípcia o propício lugar e momento para a vivência daquilo que foi associado ao feminino: amor, magia, fertilidade, acolhimento, imprevisibilidade e destruição regenerativa. Aquilo que foi perdido na antiga deusa serpente da época de bronze entre os gregos e romanos, foi restituído nos mistérios de Ísis, bem como o espaço da mulher no mundo religioso.

A esposa de Osíris, a mãe de Hórus, a detentora da vida, esta eram algumas das inúmeras características da deusa Ísis, e foram justamente esse conjunto de características que fez com que esta grande deusa tivesse nome e força suficiente para entrar no mundo romano e ser retratada com tamanho fascínio como foi por Lucius Apuleio em *O Asno de Ouro*.

³⁵ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2009, op. cit., p.11.

2. Ísis e Apuleio, Contexto e Obra.

Segundo Vanessa A. Fantacussi ³⁶ muitas são as fontes existentes que nos relatam como eram os antigos cultos de mistérios relacionados com a deusa Ísis, porém, em sua grande maioria nos relatam estes acontecimentos em um contexto posterior, agregando elementos contemporâneos ao autor e descaracterizando assim os cultos de mistérios em sua essência.

A obra de Lucio é um dos maiores relatos contemporâneos aos próprios antigos cultos de mistérios já registrados, sendo este um dos motivos centrais referentes à escolha da fonte.

O livro relata a presença da deusa Ísis na religião romana, território este que, como dito anteriormente, passou por longos períodos de expansão, fazendo com que as trocas culturais entre eles e os povos dominados fossem constantes e bidirecionais. Segundo Fantacussi as mudanças políticas ocorridas em Roma dar-se-ão a partir deste processo expansionista, pois o aumento populacional significativo ocorrido neste processo faz com que aconteçam mudanças políticas, econômicas, sociais e religiosas durante o processo de assimilação dessas novas pessoas e a religião tradicional romana já não atendia mais as necessidades populacionais, fazendo com que o século I na história de Roma fosse marcado “pelos cultos cívicos e festivais, somados aos numerosos cultos estrangeiros que já haviam penetrado fortemente entre os romanos”³⁷.

Ísis não era uma deusa pertencente aos cultos oficiais em Roma, pois segundo a autora Marilda Corrêa Ciribelli³⁸, os cultos oficiais tinham como função primordial reconhecer o poder público. O livro de Apuleio nos remete justamente o fato de que Ísis não representava este poder público, mas sim a população da época que via Ísis como a deusa mestra salvadora.

O livro *O Asno de Ouro* é uma sátira de agradável leitura, conta as peripécias do próprio Apuleio narrada em primeira pessoa, que fora transformado em asno

³⁶ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2004, op. cit.

³⁷FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit. p.31.

³⁸CIRIBELLI, Marilda Corrêa. História e Religião em Roma Antiga. In: LIMA, Lana Lages da Gama; SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa (orgs.). **VIII Encontro Regional de História – Núcleo Rio de Janeiro:**História e Religião. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002, p.. 25- 39.

mediante uma atrapalhada tentativa de uso de magia. Encantado pelas artes mágicas, demonstra enorme interesse sobre este assunto durante todo o decorrer de seu livro, sendo que em alguns momentos de sua obra Apuleio transparece além de curiosidade e admiração, certo meio e receio quanto a este assunto.

Como exemplo da afirmação que Apuleio vivia em dicotomia com a sua relação à magia, no decorrer da história, a anfitriã da casa onde Apuleio encontrava-se hospedado antes de sua metamorfose deixa transparecer que é uma feiticeira com o dom das artes mágicas obscuras, deixando isto claro no momento do livro em que Fótiis, a criada com quem ele se relaciona na sátira, dirige-se a ele e fala de seu receio quanto às artes mágicas que a sua senhora dominava, mostrando uma ambiguidade de medo e ao mesmo tempo admiração quanto a este fato. A deusa Ísis aparece como detentora dos poderes mágicos também, porém, não gerando este mesmo medo e receio em Lucio. Os poderes de Ísis são mágicos, mas só lhe sendo atribuídos bons elementos e boas intenções.

Tenho grande temor e medo de descobrir os segredos desta casa, revelar as coisas ocultas de minha senhora...também saberá os segredos maravilhosos de minha senhora, pelos quais obedecem os mortos, as estrelas se turvam, os deuses são apressados, os elementos lhe servem.³⁹

O livro *O Asno de Ouro* possui a constante presença do feminino, às vezes colocando a mulher de forma maligna como quando acusa uma senhora personagem em sua história de ter envenenado e matado um mancebo, pedindo assim para que ela fosse queimada devido a esta suspeita⁴⁰. Lucio coloca a presença do feminino de forma ambígua, como a guardiã dos ladrões que o roubam quando metamorfoseado no dia em que ele é transformado em burro, pois mesmo lhe roubando deu-lhe comida, água e banho⁴¹, sendo claramente perceptível a presença da figura feminina no decorrer de sua obra de forma heterogênea. As mulheres têm destaque em sua obra, ocupando papéis de principais personagens, inclusive o de Ísis.

³⁹ APULEIO, Lúcio, *op. cit.*, p.48.

⁴⁰ APULEIO, *Ibidem*, p.36.

⁴¹ APULEIO, Lúcio, *Ibidem*, p.60.

A figura feminina na obra é bastante presente. A mulher não se mostra como submissa aos desmandos dos homens exercendo um papel contrário a este, apresentando-se como agente detentor do poder e ativo perante a sociedade. A magia está intrinsecamente ligada a ação feminina dentro da obra⁴².

A presença feminina é marcante na obra de Lucio, mas o foco do estudo deste trabalho encontra-se principalmente no decorrer do livro XI, onde “Lúcio volta à forma humana com a ajuda da deusa Ísis e é iniciado em seu culto, com este capítulo, podemos entender um pouco de como era o culto de mistério da deusa Ísis no Império Romano”⁴³.

A obra de Apuleio fora inspirada no livro de um rapaz também chamado Lucio, que segundo D’Onofrio⁴⁴ mais remotamente fora chamado de Lucio de Patras, sendo que Apuleio acrescentou, diferente desta versão, o livro 5 sobre a Psique, suas irmãs e seu marido Cupido.

Lucius fora um grande intelectual de sua época, em sua obra, transparece ser um homem viajado e bem relacionado, além de ser aparentemente bem quisto, que segundo Rodrigo S. M. Oliveria nasceu entre os anos 114 e 125 D.E.C., e sua morte varia de 169 a 190. A sua cidade natal foi Madaura, província africana localizada entre a Numídia e a Getúlia. Apuleio teve formação em música, retórica, gramática, ciências naturais, poesia, geometria e filosofia nas cidades de Cartago, Alexandria e Atenas⁴⁵.

O autor foi orador, romancista, filósofo popular místico, possuía cargos políticos e sagrados nas religiões de mistérios, sendo um dos mais brilhantes literários da época dos Antoninos. Seu conhecimento filosófico e suas iniciações nos cultos de mistérios, adquiridos ao longo de suas viagens são expressas na obra O Asno de Ouro⁴⁶.

⁴² OLIVEIRA, Rodrigo S. M. **Relações de Poder e Magia na obra Metamorfoses de Lúcio Apuleio**. In: XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2009, Goiânia-GO. Anais eletrônicos do VI Simpósio Nacional da ABHR. Goiânia-GO: Ed. UCG, 2009. p.3.

⁴³ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2004, op. cit.

⁴⁴ D’ONOFRIO, Eliete M. **As fantásticas viagens de Lúcio**. O maravilhoso e o mítico em Apuleio. In: Itinerários. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 8:77-84, 1995. doutorado, 2007. Editora Universidade de Brasília, 1995. Faculdade de História, Direito e Serviço Social. UNESP, Franca

⁴⁵ OLIVEIRA, Rodrigo S. M, op. cit., p.02.

⁴⁶ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2004, op. cit

O título oficial da obra segundo Fantacussi é “*Libri Metamorphoseon*, escrita por volta de 160 D.E.C., sendo denominada por Santo Agostinho de *Asinus Aureus*”⁴⁷. Lucio escreve sua obra em formato de sátira, estilo literário que tem como característica o deboche e o absurdo para falar do comportamento das pessoas e do ambiente a qual elas estão inseridas.

No decorrer de sua obra Apuleio deixa transparecer todo o seu interesse por magia, assim como ao longo de sua vida particular. Em uma de suas viagens envolveu-se com uma mulher muitos anos mais velha do que ele, sendo acusado de seduzir a senhora através de magia. Mesmo após o escândalo Lucio, homem culto e inteligente que era defendeu-se e fora absolvido da acusação.

Apuleio viajava muito, e em uma de suas viagens estabeleceu-se na casa de um amigo em Oea, desposando sua mãe. Emília Prudentila. Por se casar com uma viúva rica, foi acusado de conquista-la por artes mágicas. O processo ocorreu por volta do ano de 158, Apuleio defendeu-se e foi absolvido, tal processo está descrito em sua obra *Apologia*⁴⁸.

Apuleio divide sua obra em 11 capítulos, que ele próprio chama de “livros”. No decorrer de sua obra Apuleio conta suas próprias peripécias, porém não em sua forma humana normal, mas sim metamorfoseado em um burro em consequência de uma atrapalhão no momento em que ele, determinado em desvendar e também usufruir da magia com a ajuda de sua amante Fótiis, tenta usurpar um unguento para se transformar em ave. Imitando o que a dona da casa e senhora de Fótiis acabara de fazer, se transforma em burro acidentalmente. Diferentemente de um animal qualquer, Apuleio transforma-se, mas sua mente humana continua a mesma.

No decorrer dos 10 primeiros livros (capítulos) são narradas as peripécias de Apuleio em sua forma de burro, onde tudo ao seu redor parece dar errado, incluindo sua vontade de transforma-se novamente em humano. Era uma tarefa aparentemente fácil, pois tudo o que Apuleio deveria fazer era simplesmente ingerir algumas pétalas de rosas para que isto ocorresse, rosas estas que não foram escolhidas ao acaso por Apuleio, pois há um significado por trás desta escolha.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2004, op. cit.

Para que Lúcio voltasse à forma humana, deveria comer algumas rosas, as quais encontra somente após algum tempo, quando já passou por todas as etapas de aprendizado, ou seja, por toda sua peregrinação. A rosa tem um grande significado na antiguidade, designa a perfeição acabada, uma obra sem defeito. Esta flor e sua cor eram os símbolos do primeiro grau de regeneração e de iniciação aos mistérios. Lúcio somente encontra as rosas no final de sua peregrinação, logo que volta à forma humana e começa a ser iniciado no culto de mistério da deusa Ísis, realmente a rosa aparece na primeira etapa de sua iniciação⁴⁹.

Assim como as rosas, a escolha do animal também não fora por acaso. O livro está dotado de simbologia não apenas no livro XI em que ele narra os passos para ser iniciado nos mistérios da deusa Isis, mas em pequenos detalhes, como a rosa e a escolha do burro como sendo o animal para a sua metamorfose.

A metamorfose está ligada à identidade, sendo está muito importante. O asno é o que melhor expressa as características do personagem, como teimoso e imprudente, o burro também pode simbolizar o mal e o bem, isso porque o deus Seth, inimigo de Ísis e Osíris, é apresentado como este animal, no Egito eram oferecidos em sacrifício ao deus Seth. O lado bom é que asno carrega a divindade nas procissões, portanto simboliza o animal que está protegido pela deusa, assim, o protagonista está protegido a todo o momento. Além disso, o asno é o animal que tem orelhas grandes, por isso ouve muito bem, portanto, sendo um dos objetivos do autor da obra descrever a sociedade romana da época em que viveu, o burro é o que melhor pode narrar está sociedade, mostrando tudo o que ouve dos personagens ⁵⁰.

Podemos perceber que Apuleio escolhera de forma racional e pensada os elementos que foram inseridos em sua sátira. A saga de Lucio metamorfoseado em burro é longa e penosa. Passa pela posse de algumas pessoas e é ameaçado até a castração em determinado momento do livro, conseguindo-se livrar-se de tal mal, assim como consegue de diversos outros.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

Apuleio conhece em sua jornada os mais diversos tipos de pessoas, com as mais diferentes mentalidades e intenções. Criminosos, camponeses, homossexuais, soldado, confeitoiro, e até mesmo dono de um circo que percebe que o burro possuía algo de diferente comparado aos demais animais, e usa dessas peculiaridades para ganhar dinheiro e enriquecer.

Como o animal no qual Apuleio se metamorfoseou possuía a proteção da grande deusa Ísis sem nem saber conscientemente deste fato, ele consegue sair praticamente ileso de todas as peripécias em que se encontra no percorrer da história. Ao final do livro X Lucio encontra-se profundamente abalado emocionalmente, pois a sua vida está em jogo. Em um momento de desespero foge na tentativa de manter a sua vida, já que ele fora condenado a copular com uma criminosa em público, e temendo que fossem soltos animais ferozes para devorar a criminosa, sendo ele devorado também por consequência.

Apuleio aproveita a distração de seus cuidadores, já que não era necessário muito para cuidar de um simples burro, sendo que sua fuga não era mais uma questão de pudor, nem de um capricho seu agora que sua vida estava em perigo. Então ele, de maneira furtiva aproxima-se da porta, e foge em direção a um local seguro.

Uma vez lá fora, desatei a todo galope, depois de ter rapidamente franqueado seis milhas inteiras, cheguei a Concreias, cidade que faz parte da ilustre colônia de Corinto, banhada pelo mar Egeu e o golfo Sarônico. O porto que lá se encontra, seguro abrigo para navios, é muito frequentado. Evitei então a multidão e, escolhendo um lugar afastado, estendi-me para repousar os fatigados membros, bem perto da borda em que arrebatavam as vagas, num buraco de areia macia⁵¹.

Lucio encerra este momento de susto e temores procurando um local para repousar, descansar seus cansados músculos de burro que acabaram de galopar uma longa distância em busca de salvar a sua vida. Após definir o local de seu repouso, Lucio em pouco tempo pega no sono, e a partir deste momento sua vida metamorfoseada em corpo de burro está prestes a mudar.

⁵¹APULEIO, Lúcio, op. cit., p.179.

3. Apuleio e Ísis: O encontro, o rito e suas relações com a magia.

Toda a obra de Lúcio é rica em simbologia e informações que nos remetem século II, repleto de críticas sobre a sociedade, já que sua metamorfose em burro lhe permitia ouvir com suas grandes orelhas tudo o que estava a sua volta sem a censura das pessoas ao seu redor, pois ninguém se preocuparia com o que um simples burro poderia estar pensando ou julgando a respeito de determinados assuntos.

Mesmo a obra de Apuleio sendo em seu conjunto uma rica e interessante fonte a ser trabalhada, o capítulo XI ganhará uma atenção especial em minha análise, pois nele é que está relatado o contato inicial de Lucius Apuleio com a deusa Ísis, sua iniciação nos mistérios, o que é necessário fazer para ser merecedor de ser iniciado, entre outros importantes elementos.

3.1. A Participação de Lucio no Festival em Homenagem a Ísis.

Lúcio encontra-se neste momento de sua jornada desacreditado e extremamente cansado, não via aparentemente mais esperanças mundanas para o seu problema, sendo que este está, ao seu ver, submetido a forças superiores, pedindo então ajuda para a deusa Ísis. Seu pedido foi atendido e assim Ísis surge perante ele em seus sonhos, e lhe dá a oportunidade de ser inserido em seus rituais de iniciação.

Logo no início deste processo, submerso no mais profundo e reconfortante sonho, Apuleio ainda em forma de burro segue em direção ao mar para que fosse purificado, que fosse digno de tal privilégio, mergulhando a sua cabeça sete vezes no mar, pois segundo ele “é o número que convém aos atos religiosos, conforme o divino Pitágoras, com o rosto inundado de lágrimas dirigi esta prece à toda-poderosa deusa⁵².

A água é um elemento da natureza, sendo que esta aparece constantemente ligada ao feminino. No mito do nascimento da deusa Afrodite, deusa do amor e da beleza, a água tem um papel fundamental, pois é através da espuma feita a partir do

⁵² Ibidem, p.180.

arremesso do falo de seu pai na água do mar, que a deusa nasce⁵³. A deusa do mar, Iemanjá, para o Candomblé, é “a mãe por excelência, carrega consigo toda a simbologia da fertilidade, ligada fortemente a natureza e tem por característica o seu humor instável”⁵⁴. A natureza e o feminino são elementos, em minha opinião, indissociáveis nas religiões antigas, pois os principais elementos da natureza e as principais histórias mitológicas envolvendo elementos naturais fundamentais e primordiais estão ligadas a figuras femininas na maioria das vezes, direta ou indiretamente.

A partir deste momento, o livro X deixa transparecer toda a admiração que o herói pícaro sente por Ísis, consegue descrever o que era necessário para ser iniciado nos mistérios da deusa. Lucio deixa transparecer algumas das características mais marcantes ao que concerne a deusa Ísis, a fertilidade. Ísis tinha como grande atribuição à sua imagem a fertilidade, não somente ligada às mulheres e ao feminino, mas também à fertilidade dos campos. A presença dos ritos arrolados com vida mundana também é marcante logo no começo do livro do XI, deixando claro que já passara por tantos “testes” que era sim merecedor de tal graça. Lucio suplica à deusa para que a forma de burro não fosse a que ele visse mais em seu reflexo.

Tu que expandes a luz feminina por toda a parte, nutre com teus raios úmidos as sementes fecundas, e dispensas em tuas evoluções solitárias uma incerta claridade, sob qualquer nome, por meio, por meio de qualquer rito, sob qualquer aspecto pelo qual seja legítimo te invocar⁵⁵.

Como resposta aos seus suplícios, merecedor de tal dádiva, Apuleio tem diante de si a personificação de Ísis, descrevendo-a como uma figura que lhe transmitia conforto e ternura ao afirmar que ela era “adorável aos próprios deuses”, com longos

⁵³ BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia**: Histórias de deuses e heróis .11ª ed. - Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p.18.

⁵⁴ BÁRBARA, Rosamaria. **A dança das Aiabás** – dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé. 2002. Tese (doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo. p.68. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-09082004-085333/publico/1rosamaria.pdf> (acessado em 22 de junho de 2015).

⁵⁵ APULEIO, Lúcio, op. cit., p.180.

cabelos ondulados, lhe atribui uma coroa irregularmente trançada com flores, descreve que sob sua cabeça há um disco em formato de lua que emana claridade.

Primeiro, sua rica e longa cabeleira, ligeiramente ondulada e largamente espalhada pela nuca divina, flutuava com um mole abandono. Uma coroa, irregularmente trançada com várias flores, cingia-lhe o cimo da cabeça. No meio acima da frente, um disco em forma de espelho, ou antes, imitando a Lua, lançava um alvo clarão. À direita e à esquerda estava flanqueado pelas roscas de duas víboras de cabeças levantadas, e, mais para cima, inclinavam-se para o lado as espigas de Ceres. Sua túnica de cor cambiante, tecida do linho mais fino, era branca como dia, amarela como a flor do açafreão, vermelha como a chama. Porém, o que acima de tudo maravilhava os meus olhos era um manto de um negro intenso, resplandecente, de brilho sombrio⁵⁶.

Apuleio descreve com detalhes a personificação, não escapando nem mesmo detalhes de suas vestimentas, a graciosidade com que flutuava, ornamentos em sua cabeça, e até mesmo o que carregava em suas mãos no momento de sua aparição. Lucio deixa transparecer que quando escreve o livro já tinha em sua mente uma figura bem definida da deusa, fazendo questão de colocar todos os detalhes que estavam em sua mente no papel.

O autor do livro, fala por meio de seu personagem, o burro, a forma e o que a deusa lhe dissera no momento de sua aparição. A descrição da imagem de Ísis é um dos elementos em que podemos perceber a admiração de Apuleio por esta deusa e a força de sua imagem no momento que esta obra fora escrita. Apuleio lhe atribui diversos símbolos, atribuídos já pelos egípcios a muitos séculos atrás. É a força simbólica que a deusa Ísis possui que permite a Apuleio narrar e descrevê-la com tantos detalhes no sec. II D.E.C.

Venho a ti Lucio, comovida por suas preces, eu, mãe da natureza inteira, dirigentes de todos os elementos, origem e princípio dos séculos, divindade suprema, rainha dos Manes, primeira entre os habitantes do céu, modelo uniforme dos deuses e das deusas. Os cimos luminosos do céu, os sopros salutares do mar, os silêncios desolados infernos, sou eu quem governa tudo isso, à minha vontade. Potência única, o mundo inteiro me venera sob formas numerosas, com ritos diversos, sob múltiplos nomes. Os frígios, primogênitos dos homens me chamam deusa-mater, e deusa do Pessinúncio; os

⁵⁶ Ibidem, p.181.

atenienses autócnos, Minerva Ceproiana; os cipriotas banhados pelas ondas, Vênus Pafiana; os cretenses portadores de flechas, Diana Ditinaos sicilianos trilingües, Prosérpina Estígia; os habitantes da antiga Elêusis. Ceres Acteana; uns Juno, outros Belona; estes Hécate, aqueles Ramnúsia. Mas os que o Sol ilumina com seus raios nascentes, quando se levanta, e com seus últimos raios, quando se inclina para o horizonte ,os povos das duas Etiópias e os egípcios poderosos por seu antigo saber, honram-me com o culto que me é próprio, chamando-me pelo meu verdadeiro nome: Rainha Ísis⁵⁷.

Lucio deixa claro que a deusa a qual ele está relatando, que aparecera em sua visão, é a deusa mestra, grande rainha e poderosa. Apuleio fala de como Ísis possui vários nomes, sendo eles diferentes em cada povo no qual ela está inserida, deixando claro que ela é a mesma que os egípcios já cultuavam anteriormente. Por mais que sejam variados os nomes que são atribuídos à Ísis, Apuleio fala que este é o seu de origem, mesmo atendendo por diversos outros, pois mesmo ela estando presente na “origem e princípio dos séculos”, ela permeou por diversos anos em diversos povos, e lá estava ela diante dele próprio metamorfoseado em forma de burro, respondendo-lhe as suas preces, atendendo aos seus pedidos no momento em que mais precisava.

Ao dizer que a deusa é uma potência única, sendo ela nomeada de formas diferentes em outras religiões, Apuleio deixa a entender que mesmo em outras crenças, as grandes deusas nada mais são que Ísis, porém com outro nome.

Ísis é a grande mãe, poderosa, benevolente para com sua desgraça que a tanto tempo vem lhe trazendo transtorno e confusão. Sua mente em corpo de burro só lhe colocou em apuros e o retorno à forma humana já lhe parecia impossível. Em sua visão, lhe é orientado por Ísis como voltar à sua forma de Lucio, bípede, um homem normal como outro qualquer, sendo este nada mais e nada menos que o seu maior desejo, não se tratando mais de um luxo retornar a sua forma humana, mas sim uma questão de vida ou morte como ele mesmo já relatara.

Lucio é orientado em sua visão por Ísis a esperar por uma festa que irá ocorrer em homenagem à deusa e procurar um sacerdote que estará com uma coroa de rosas amarrada em seu sestro, sendo esta a oportunidade que Lucio precisava. Ísis deixa claro que sua benevolência estará junto de Apuleio para que este possa cumprir esta

⁵⁷ Ibidem, p. 182.

missão, que nada há de temer, inclusive que o próprio sacerdote também estará orientado em como prosseguir ao ver o burro, pois da mesma forma que Lúcio estava vendo Ísis em forma de visão diante de si, o sacerdote também teria a mesma forma de contato, deixando a entender como era clara e constante a sua presença mundana, seu contato com os que abdicaram caprichos para viver em função da deusa Ísis.

Sua preparação para ser iniciado nos cultos da deusa Ísis começa, pois até a data da festa que lhe trará novamente a forma humana, deverá cuidar de sua mente para que não haja “apreensões nem pensamentos profanos⁵⁸”, por orientação da própria deusa. Apuleio estava sozinho em sua visão com a deusa, em local que ele próprio julgara como seguro. A iniciação nos antigos cultos de mistérios segundo Walter Burkert ⁵⁹ precisa da livre e espontânea vontade do iniciado, sendo que Lucio suplicara para que sua prece fosse atendida, sendo sua iniciação praticamente uma consequência. Afirma também que os mistérios são “*uma transformação do espírito por meio da experiência do sagrado*”, transformação esta que Lucio passará em vários pontos, começando por sua forma de burro. Apuleio também fez por merecer através de sua experiência metamorfoseado, passar por essa iniciação e sua transformação dar-se-á em vários aspectos, tanto físicos quanto mentais.

Devido às transformações que o personagem sofre, segundo Vanessa Auxiliadora Fantacussi⁶⁰, Lucio está dividido durante a obra em três personagens diferentes: o Lucio que inicia sua jornada antes de transformar-se em burro, Lucio já na forma de burro passando por diversas confusões, e por último o Lúcio em sua forma humana após a metamorfose. Transformações estas ligadas à sua preparação para que possa ser iniciado nos mistérios de Ísis.

Lucio é orientado então a como proceder para voltar à sua forma humana, porém a benevolência da deusa será revertida em forma de uma espécie de dívida eterna, pois Ísis lhe atribui este imenso favor, mas com a condição de algo em troca.

Apuleio deverá a partir do momento de sua transformação viver em função da deusa, porém esta sua incumbência não pode ser vista segundo Ísis como um castigo, muito pelo contrário. Apuleio viverá feliz e cheio de glória, terá a sua companhia e

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ BURKERT, Walter. **Antigos Cultos de Mistérios**. São Paulo: EDUSP, 1991, p. 24.

⁶⁰ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2004, op. cit.

proteção durante sua vida na terra, e também após a sua morte, sendo desta maneira um privilégio e honra se transformar em sacerdote da deusa.

Mas, acima de todas estas coisas, lembra-te e guarda sempre gravado no fundo do teu coração, que toda a tua carreira, até o fim da tua vida, e até o teu derradeiro suspiro, me foi penhorada. É de justiça que aquela que te retribuiu o lugar entre os homens deva tudo o que ainda te resta para viver ⁶¹.

Apuleio deverá a sua vida para Ísis. Ao se livrar de sua forma de burro, agradava a Lúcio e a deusa, pois em sua fala deixa claro que o burro é uma “*besta maldita que muito me é odiosa*”⁶². Toda a raiva que a deusa expressa possuir por este animal, segundo Fantacussi, é por que sacrifícios destes animais eram feitos em homenagem ao deus no Egito. Seth e Ísis possuem um longo histórico de “desavenças familiares”, não restando desta forma feição por seu irmão. Assim como Apuleio, Ísis também não gosta da forma que Lucio se encontra e tem interesse em extingui-la.

Lucio acorda de seu sonho no qual acabara de ter a aparição da deusa portando tão maravilhosa notícia, fica assustado mas ao mesmo tempo tomado de imensa alegria, enxergando tudo ao seu redor com outros olhos. A soma de ver em seu sonho tão grandiosa deusa, juntamente com o fato de saber que está prestes a tornar-se novamente humano o deixa eufórico de expectativa.

Os próximos momentos do livro são dedicados por Lucio a descrever como eram as festas e homenagens à deusa Ísis no século II. A festa iniciara reunindo os primeiros participantes de forma tímida, mas que ao seu decorrer foi agregando pessoas, transformando-se em um grandioso evento que se expandia livremente e com atrações para a população como jogos populares, e paralelamente a isso, “a pomposa procissão propriamente dita da deusa da salvação se punha a caminho” ⁶³.

Maria Auxiliadora Fantacussi afirma que esta festa a qual Lucio se refere no livro XI de sua obra seja o próprio culto oficial a deusa Ísis chamado festival *Navuigiumlsidis*. Apuleio em momento algum de sua obra afirma que este seja o festival propriamente dito, porém, devido às descrições que o mesmo faz em relação a

⁶¹ APULEIO, Lucio, op, cit, p.183.

⁶² Idem.

⁶³ APULEIO, Lúcio, Ibidem, p. 184.

elementos como por exemplo: o dia que encontrava-se perfeito, como estava o sol, as árvores fecundas, as águas calmas do mar. Todos estes elementos em seu conjunto seriam propícios para a intervenção da deusa.

O festival apresentado em nossa fonte literária, denominado NavigiumIsídis constituiu-se como o festival ísiaco mais representativo da cultura romana, realizado em função da abertura do período das navegações, ocorrido no quinto dia do mês de março⁶⁴.

Lucio narra a festa em homenagem à deusa de maneira descritiva, detalhadamente como a forma que se encontravam vestidas as mulheres que cultuavam a deusa e como elas se comportavam neste evento, assim como os fiéis da mesma. A quantidade de pessoas que cultuavam a deusa chama a atenção nos relatos de Lucio, sendo devotos homens, mulheres, sacerdotes com as mais variadas idades, todos juntos neste grandioso evento cultuando Ísis.

Mulheres resplandecentes, em suas vestes brancas alegremente enfeitadas de atributos variados e floridos, e com coroas primaveris, tiravam pétalas do seio e juncavam com elas o solo, no percurso do cortejo sagrado. Outros tinham voltado para trás do seu dorso, espelhos brilhantes em que a deusa à medida que avançava, podia contemplar diante de si a homenagem dos fiéis. Alguns levando pentes de marfim moviam os braços e fletiam os dedos como que para pentear e fazer o toucado da rainha. Ou ainda derramavam gota a gota, com outros perfumes, um balsamo divino, orvalhando as ruas. Havia mais, uma numerosa multidão de um e de outro sexo levava lâmpadas, tochas, círios e outras luminárias para atrair as bênçãos daquela de quem se originam os astros do céu. Depois vinham gaitas e flautas de melodias suaves, em harmoniosa sinfonia. Um coro encantador aparecia em seguida, formando uma elite de moços deslumbrantes na brancura de neve de suas roupas de festa. Cantavam juntos um belo hino que um poeta de talento havia composto, com música, pela praça das Musas, e cujo o texto aludiam os rogos atendidos⁶⁵.

Fatancussi⁶⁶ afirma que inicialmente o culto isíaco atraía basicamente romanos da camada social mais alta, mas que era possível notar na prática, nos cultos propriamente ditos, que basicamente metade dos membros que participavam deste culto eram escravos e libertos. O motivo de não atrair apenas os mais ricos, mas

⁶⁴ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit., p. 64.

⁶⁵ APULEIO, Lúcio, op. cit., p. 185.

⁶⁶ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit., p. 63.

perceber essa mescla nas ruas, é que os cultos ísiacos eram novidade no mundo romano, mas os escravos libertos já haviam tido algum tipo de contato com a deusa, justamente por ela possuir força suficiente de transitar entre as religiões do mundo antigo.

Levando em consideração o conceito de sincretismo religioso adotado por Ana Maria Valias Andrade Silveira ⁶⁷ como sendo cultos que foram se alterando a partir de uma situação de contato e assimilação, mas que deve ser tratada com muito cuidado pois nem sempre trata-se de uma descaracterização que se perde, mas sim uma reformulação sob uma lógica carregada de sofisticação e sentido. Sob esse conceito podemos considerar este festival como um elemento sincrético da imagem e adoração à Ísis.

No antigo Egito, este mesmo culto narrado por Lucio possuía segundo Fantacussi ⁶⁸ uma função diferente da sua versão romana. No Egito o culto teria difundindo-se principalmente entre as cidades portuárias; essa relação com a água e a deusa existe pois segundo a mitologia Ísis com suas lágrimas após perder o seu marido Osíris fez transbordar o Nilo, ligado diretamente este fato a fertilidade do solo. Já para os romanos estaria ligado à proteção nos períodos de navegação.

Outros dois elementos sincréticos que aparecem na obra de Apuleio, especificamente no livro XI, é a presença do deus Anubis e Hator no festival. Anubis é citado e chamado por seu nome como sendo o deus metade homem e metade cão, descrito como “deus do horrendo aspecto, mediante o mundo superior e o inferno, rosto meio negro meio dourado, a cabeça alta mantendo altivamente a sua aparência de cão.”⁶⁹ O nome de Hator não é citado na obra, porém a descrição “deusa vaca, símbolo da fecundidade, imagem da deusa mãe e de todas as coisas”⁷⁰ encaixa-se perfeitamente na descrição da filha de Rá, pois mesmo a simbologia de ambas as deusas, Ísis e Hator, serem muito parecidas, a personificação em forma de vaca é ligado por regra a Hator, não a deusa Ísis.

⁶⁷ SILVEIRA, A. M. V. A. Expressões de Continuidades no campo religioso Afrodescendente. Revista Ñanduty, v. 2, p. 44-54, 2014

⁶⁸ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit., p. 65.

⁶⁹ APULEIO, Lúcio, op. cit., p. 185.

⁷⁰ Idem.

Estes deuses egípcios citados acima na obra de Apuleio aparecem logo após a sua descrição sobre a participação de um importante elemento na obra, pois Lucio faria parte deste grupo um pouco mais a frente em sua obra que são o dos “iniciados nos divinos mistérios”, deixando claro a sua diversidade, participando tanto homens quanto mulheres das mais variadas idades. Segundo Lucio as mulheres traziam os cabelos úmidos de perfume, envolvidos em um véu transparente, enquanto os homens encontravam-se com a cabeça totalmente raspada, vestiam uma espécie de túnica de linho branco no comprimento dos pés.

Lucio fala de forma descritiva a participação de homens e mulheres, e os deuses que neste festival eles cultuavam com ênfase em Ísis. Neste capítulo pode-se notar uma certa mudança na narração de Apuleio, pois até antes do início do capítulo XI o estilo literário sátira era predominante em suas características, pois zombava e criticava de forma irônica a sociedade em que ele vivia, sendo para ele a ordem algo ilusório, não sendo este caminho o verdadeiro, diferentemente do de Ísis como divindade superior, misericordiosa.

Ao iniciar o seu relato sobre a aparição de Ísis em seu sonho e sobre o festival, sua narração perde o sarcasmo, sendo ele trocado por admiração. É neste capítulo que sua salvação chega pelo sacerdote prometido por Ísis, demonstrando também a seriedade e respeito que Apuleio possuía por este assunto.

3.2 Lucio e as Rosas de Ísis.

Apuleio estava participando como observador até então deste grandioso evento descrito por ele, porém, a sua expectativa maior era a de finalmente assim como prometido pela deusa Ísis voltar a sua forma humana.

A magia presente na figura de Ísis é marcante neste processo, pois segundo Suiany Bueno da Silva a magia constitui-se como um poder e um saber, podendo ser entendida como um poder específico pelo fato de fazer uso de determinados mecanismos, sendo que são atribuídos ao pensamento mágico a capacidade de produzir sobre a realidade os efeitos desejados tratando-as desta forma como práticas

que pertencem ao domínio da vontade e do desejo para alcançar fins pessoais e privados⁷¹.

A transformação de Lucio se dá mediante os conhecimentos mágicos da deusa Ísis, sendo ela detentora desse saber. Ísis prometera a Lucio que neste festival ele retornaria a sua forma pelas mãos de um sacerdote que carregaria com ele uma coroa de rosas. Segundo Lucio o sacerdote assim como ele, sentia-se honrado em estar participando deste processo, pois a própria Ísis incumbiu o sacerdote desta missão, colocando-o para carregar uma coroa de rosas praticamente na altura da boca de Lucio para que desta forma ele alcançasse a tão almejada forma humana novamente. Após mastigar velozmente as rosas que acabara de abocanhar, Lucio retorna a sua forma humana, assim como lhe fora prometido por Ísis.

Ela não mentira a celeste promessa: minha deformada aparência de besta se desfez imediatamente. Primeiro foi-se o pelo esquelético; depois, o couro espesso se amaciou e o ventre obeso abaixou-se; na planta de meus pés, os cascos deixaram emergir os dedos: minhas mãos não eram mais patas.⁷²

A metamorfose de Lucio na obra em burro, retornando a forma humana pelos poderes mágicos da deusa tem a intenção de ratificar todo o poder que esta possuía. Na obra ele narra o espanto do povo ao ver sua transformação. Ficam admirados mas não assustados, começando assim uma nova fase na vida de Lucio.

Segundo Fantacussi, a iniciação de Lucio pode ser dividida em quatro partes, sendo a primeira delas a chamada divina, momento anterior à transformação de Lucio em asno. A segunda compõe-se dos ritos preliminares, que são a sua purificação e sua participação no festival em homenagem a deusa. O terceiro e o quarto momento são compostos pela assistência da deusa e sua vida no santuário, sendo que em ambos Lucio convive diretamente com os ritos.

⁷¹SILVA, Suiany Bueno. **Magia, Metamorfose e a Metáfora da Escravidão no romance Metamorfoses, de Lúcio Apuleio**. In: I Congresso Internacional de Religião Mito e Magia no Mundo Antigo, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I Congresso Internacional de Religião Mito e Magia no Mundo Antigo. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010, p. 403.

⁷²APULEIO, Lúcio, op. cit., p. 186.

Lucio então após devorar as tão esperadas rosas e desta maneira recuperar sua fala e seu corpo novamente, entra no terceiro e quarto momento deste personagem no livro. Extasiado por ter de volta aquilo que lhe foi tirado por imprudência e curiosidade, por fazer algo de que não tinha conhecimento, chega então ao “altar da Misericórdia”. O sacerdote deixa claro isto ao dizer que a curiosidade de Lucio lhe valeu uma amarga recompensa. Recompensa essa de ser iniciado nos mistérios de Ísis.

As descrições sobre como era o festival em homenagem a deusa continua sendo descrito mesmo após a transformação de Lucio, porém agora Lucio já participa de forma ativa, e não mais como observador. Ele já foi honrado com a graça da deusa, sendo sua vida agora devida a ela, pois segundo Fantacussi⁷³ Ísis era vista também, entre todas as suas simbologias, como a “senhora do destino”, sendo esse um dos motivos que possibilita sua transformação.

Chegamos afinal ao lugar que, na véspera, servira de abrigo ao burro que eu era. As imagens divinas ali foram dispostas, segundo os ritos. Estava lá um navio, feito por mão operaria e inteiramente recoberto com pinturas egípcias⁷⁴.

Os símbolos egípcios são presentes e marcantes nesse ritual, e assim como os outros deuses egípcios segundo Fantacussi⁷⁵, são para remeter à origem desta deusa. O lugar que esta embarcação descrita por Apuleio se encontra é o mesmo em que Lucio suplicara a misericórdia da deusa e fora atendido pela visão em seu sonho.

O ritual pessoal, ou a iniciação, é o lugar onde o que é tido como sagrado é revelado. A partir de então, o iniciado assume e integra uma nova personalidade, como se sua vida fosse dividida entre o antes e o depois da iniciação⁷⁶.

Podemos observar que o local físico em que Lucio tem a visão e o local onde ocorre a festival é o mesmo. Sua vida é dividida em dois grandes momentos: o antes de ter a visão e o depois. Lucio praticamente nascera novamente, mesmo por que ele

⁷³ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit., p.68.

⁷⁴ APULEIO, Lúcio, op. cit., p.188.

⁷⁵ FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora, 2006, op. cit., p.66.

⁷⁶ Ibidem, p.69.

era tido como morto por seus parentes e conhecidos, e sua “volta do inferno para a luz do dia⁷⁷” ganha mais este reforço no sentido de que Apuleio começara uma nova vida, de que fora tocado pelos poderes da deusa Ísis, e que a partir daquele momento iniciasse mais uma nova etapa em sua vida.

Lucio sai diretamente do festival para o templo da deusa Ísis, acompanhado dos sacerdotes, lá ele já se estabelece “*participando ainda, como leigo, do serviço da deusa, na qualidade de companheiro e comensal dos sacerdotes e de perpétuo adorados da augusta divindade⁷⁸*”, aguardando com enorme ansiedade o momento mais apropriado para a sua iniciação, momento este que ele deveria estar preparado e Ísis é quem determinaria esta hora tão aguardada por Lucio, preparando até então a sua mente, seu espírito e purificando o seu corpo ao relatar que teve que se abster de alimentos profanos e proibidos.

Ao longo do capítulo XI Lucio deixa claro como a presença da deusa é constante na vida dos sacerdotes, inclusive na do próprio Lucio, deixando a entender que a presença mundana da deusa é forte, ela intervém e se comunica com facilidade com os sacerdotes através de sonhos (como o sonho de Lucio ainda metamorfoseado em burro) e visões, tanto que Ísis avisa Lucio de que sua hora de ser iniciado chegara, este fora correndo contar para o sumo-sacerdote, porém, ele também já sabia, pois Ísis já havia lhe dado a notícia.

Uma das características dos antigos mistérios é a segredo, o silêncio que os envolve como já dito anteriormente, em função disto, Lucio descreve os momentos posteriores ao aviso de que seria iniciado, mas sem grandes detalhes, pois segundo ele não lhe era permitido expor certas partes de sua iniciação. Burket ao analisar a obra diz que “Apuleio conseguiu frustrar nossa curiosidade, exatamente como pretendia⁷⁹”.

Conduziu-me à piscina mais próxima, cercado pela religiosa corte. Tendo eu tomado o banho costumeiro, invocou ele a graça divina, e me purificou aspergindo-me água lustral. Levou-me depois ao templo.

⁷⁷APULEIO, Lucio, op. cit., p.189.

⁷⁸ Ibidem, p.189.

⁷⁹ BURKERT, Walter. **Antigos cultos de mistérios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. p.107.

Dois terços do dia haviam se escoado. Deteve-me aos pés da deusa, deu-me em segredo certas instruções, melhores do que é possível exprimir. Em seguida, e dessa vez diante de toda a gente, recomendou-me que me abstivesse durante dez dias seguidos dos prazeres da mesa, que não comesse carne de nenhum animal, nem bebesse vinho⁸⁰.

Lucio, um curioso assumido quanto às artes mágicas, tenta provocar a mesma sensação que nele era presente. A imagem de Ísis, sua metamorfose em humano, e todo o ritual que isto envolve está diretamente ligado aos poderes da mágica.

Segundo Mauss⁸¹, a magia tem por uma de suas características a representação, a idéia de que determinada figura tem poderes e que domina as artes mágicas através do “fazer acontecer”, legitimando assim o seu poder. Todo rito segundo ele é uma forma de linguagem, passa a sua mensagem, estando diretamente ligado a magia e o que ela representa.

A transformação de Lucio em humano é exatamente esta legitimação que Mauss retrata. Através desta demonstração de poder é que Lucio legitima o quão Ísis é poderosa e merecia seus adjetivos de grandeza. Ísis, por meio deste conceito legitima constantemente os seus poderes por ser a deusa ligada à fertilidade, e só existia comida na mesa dos egípcios, gregos e romanos por que ela permitia e continuaria permitindo mediante a sua bondade.

Sua benevolência, seu acolhimento de mãe, sua face dotada de ternura, a forma como protegeu Hórus de Set quando ele ainda era pequeno, sua representatividade da imagem feminina no mundo antigo fortaleceu esta deusa de forma extraordinária.

3.3 A Mãe Misericordiosa

⁸⁰ APULEIO, Lúcio, op. cit., p.192.

⁸¹ MAUSS. Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia**. Tradução José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 7, p.104.

A obra de Apuleio, expressa diversas vezes o anseio e a percepção deste mundo religioso romano do século II. Século, no qual conviveram diversos cultos estrangeiros com a religião oficial, como os mistérios órficos, isíacos, dionisíacos, Mitraísmo, até mesmo o Judaísmo, entre outros. No entanto, um, entre os cultos estrangeiros, trouxe mais preocupação ao Estado romano que os outros, por negar a validade de culto a qualquer outro deus, esse é o Cristianismo.

O desconforto que o cristianismo causou à tradição romana antiga exemplifica-se nas palavras de Peter Brown em sua obra “O fim do mundo clássico”. Nessa obra o autor diz que no século II os cristãos foram fortemente atacados por ignorarem os cultos aos deuses tradicionais, sendo culpados pelas crises de fome, tremores de terras, invasões barbaras, entre outras desgraças. A considerar que a política e a religião estão completamente indissociadas na sociedade romana do século II, a perseguição aos cristãos tornou-se um caso de Estado. Na altura do século IV, quando o imperador Constantino torna o Cristianismo uma religião lícita no Império, coloco a questão, se a nova religião sobreviveria como religião universal, mantendo a dissociação do aspecto feminino da divindade, como ocorreu no judaísmo?

Diante da obra de Apuleio e sua representação de Ísis no século II D.E.C., eu diria que não. A mensagem de Isis é concorrente a do Cristianismo, com a vantagem do acolhimento materno. Nas religiões antigas havia espaços para divindades femininas, como Ísis, que além de ser mulher era extremamente poderosa, e no cristianismo era preciso uma imagem feminina para suprir as deficiências da imagem e signos deste único deus. Era preciso ter nesta religião uma “grande mãe benevolente”, “misericordiosa”, que escutasse os desprovidos e intercedesse junto ao “pai”, para que a instituição desta religião obtivesse sucesso.

Levando em consideração o pensamento de Campbell em sua obra *O Poder do Mito*⁸², ao dizer que na realidade o ser humano não está em busca de um sentido para a vida em si, mas sim um sentido para a experiência de estar vivo, que ele tenha a possibilidade de fazer certas conexões com o divino e que a sua presença não seja apenas algo ao acaso e sem significância. Sendo que através da imagem e da

⁸²CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. 11^o ed. Trad. Carlos F. Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1994, p. 22.

personificação da deusa Ísis e todos os símbolos e ritos atrelados a ela, suprir esta expectativa se torna possível.

A deusa cuja imagem, mito, signos e ritos foram tratados neste trabalho possui, desde o mito de Ísis e Osíris entre outros nos quais seu nome estava ligado, é um vínculo com o poder da vida, da fertilidade, da magia, símbolos estes essenciais à vida e à permanência na terra na História Antiga. Seus ritos, assim como os festivais em sua homenagem e seus mistérios são elementos que ligam os seres mundanos ao divino, são elementos que fortalecem e dão sentido a esta “experiência de estar vivo” a qual Campbell cita.

Ísis era forte, presente nos principais mitos na religião de um povo, e foi a partir desta força que a deusa permeia por diversas outras religiões, como na grega, a romana, e até mesmo no cristianismo, pois mesmo sendo uma religião monoteísta alguma outra figura teria que surgir em seu lugar com suas características principais, pois a mãe protetora de Hórus, agora é mãe protetora de Jesus e dos homens, e seu nome passa a ser Virgem Maria. Seus traços físicos e suas vestimentas sofrem algumas modificações, mas a essência da deusa mãe é a mesma.

Considerações Finais

A partir do estudo realizado sobre a fonte, pode-se perceber o fascínio e a admiração que Lucio Apuleio possuía pela deusa Ísis e suas artes mágicas. A obra é rica em simbologia e consegue nos descrever com grandes detalhes como eram os antigos mistérios que concernem Ísis.

O sincretismo religioso que envolve a personificação da deusa é evidente, demonstrando ser conforme os relatos de Lucio, uma deusa extremamente forte que comovia multidões de fiéis no decorrer do festival tradicional em sua homenagem, bem como fora dele.

Ísis não fazia parte da religião oficial romana, mas devido à expansividade territorial deste local no período em que a obra fora feita, assim como a forte presença de escravos arrolados a sociedade contribuíram para que a presença desta deusa fosse forte ao longo do território.

Mediante tanto poder e força atribuídos a esta divindade feminina ao longo de séculos, a resistência à implementação de uma religião cujo principal deus é um homem, e o feminino não tendo espaço, foi necessário a inserção de um elemento que a sociedade se identificasse. A deusa era perfeita para ser encaixada nessa nova religião diminuindo assim a resistência da população aos novos costumes, novas crenças, novos dogmas.

Os signos e as características de Ísis foram absorvidos pelo cristianismo na figura de Virgem Maria. Apuleio ao descrever detalhadamente Ísis em sua visão deixa claro as semelhanças físicas entre ambas as divindades, assim como sua representação de grandiosa mãe.

Com efeito, mesmo depois de a própria Ísis ter “desaparecido com este nome, “Aquela de Muitos Nomes”, permaneceu sob a aparência de Virgem Maria. Esta assumiu, por sua vez, muitas funções que Ísis cumpria em épocas anteriores⁸³

Ísis transitou pelo Mundo Antigo e consegue se manter no mundo contemporâneo, a grande mãe, deusa mestra, penetra no cristianismo e desta forma

⁸³ VERSLUIS, Artur. *Os mistérios egípcios*. SP: Cultrix, 1991, p. 40.

consegue ainda exercer influência em nossa sociedade. Não é apenas Ísis que é apropriada no cristianismo, o que chama a atenção é a forma como ela chega nesta religião e sua forte e constante presença ao longo dos milhares de anos que se passaram.

Ísis sofre transformações, seu nome muda, suas vestimentas também, mas ela é “deusa de muitos nomes”, é a deusa que resiste a séculos e transita por diversas religiões, é a grandiosa mãe a qual está ligada a vida, a fertilidade, a magia, a benevolência e ao destino, sendo sua incorporação ao cristianismo consequência, necessária mediante a pretensão de extinguir religiões politeístas, a qual a presença de deusas mulheres são marcantes, além de entregar todo o poder a um único “grande deus” masculino.

Mesmo após tantos anos, Apuleio consegue nos remeter a um mundo mágico no qual Ísis é uma personagem ativa no cotidiano das pessoas. Um mundo no qual a redenção pode ser adquirida por merecimento através da benevolência da deusa, e que a população, não interessa ser homem ou mulher, desprovido ou não de recursos, é influenciada constantemente pela presença desta deusa.

FONTES

APULEIO, Lúcio. **O Asno de Ouro**. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, A. C. C. **O Império Romano e sua Religiosidade: O EXEMPLO DO CULTO DE ÍSIS**. Nearco (Rio de Janeiro), v. N II, p. 34-47, 2010.

ALONSO, Ana C. C; BARROSO, André. **Religiões Comparadas: Produções originais ou interações culturais?** RJHR –Revista Jesus Histórico, 2009, p. 6. Disponível em www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br

BALSDON, J.P.V.D. **Roma como campo de batalha de religiões**. In: _____. *O mundo romano*. Trad. Victor M. de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BARB, A. **Mistério, mito e magia**. In: HARRIS, J. R. (org.). *O legado do Egito*. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BÁRBARA, Rosamaria. **A dança das aiabás** – dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé. 2002. Tese (doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais (FFLCH). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-09082004-085333/publico/1rosamaria.pdf>. (acessado em 22 de junho de 2015).

BASILIO, Valéria Cristina. **Mulher e religião em Roma** – Representações femininas no I século do Império. 2003. Dissertação (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na Época de Filipe II** - Vol. I. Tradução Ministério da Cultura Francês. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

BROWN, Peter. **O Fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé**. Trad. de António Gonçalves Mattoso. Lisboa: Verbo, 1972.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia: Histórias de deuses e heróis**. 11ª ed. - Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BURKERT, Walter. **Antigos cultos de mistérios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. 1º Edição. São Paulo: Editora Ágora, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. 11º ed. Trad. Carlos F. Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1994.

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. **Defesa e Ilustração da Noção de Representação**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **História e Religião em Roma Antiga**. In: LIMA, Lana Lages da Gama; SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa (orgs.). VIII Encontro Regional de História – Núcleo Rio de Janeiro: História e Religião. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002, pp. 25- 39.

COULANGES, Fustel de. **A cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo- Bauru: Edipro, 3º ed, 2001.

D'ONOFRIO, Eliete M. **As fantásticas viagens de Lúcio**. O maravilhoso e o mítico em Apuleio. In: *Itinerários*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 8:77-84, 1995. Doutorado, 2007. Editora Universidade de Brasília, 1995. Faculdade de História, Direito e Serviço Social. UNESP, Franca.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e Ideias Religiosas**, volume I: Da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Edição 2010.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O asno de ouro: uma análise do culto da deusa Ísis**. Site NetHistória. Brasília, jan. 2004. Sessão Ensaios. Disponível em: < http://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/415/o_asno_de_ouro_uma_analise_do_culto_da_deusa_isis/ >. Acesso em: 25 set. 2014.

FANTACUSSI, Vanessa Auxiliadora. **O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II** –Representações nas metamorfoses de Apuleio. Dissertação de mestrado. Franca: UNESP, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos**. 2º ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. Jan./Jul. 2009.

GIORDANI, C. Mário. **História de Roma**. 12ª edição. Petrópolis: vozes, 1997.

GOMES, Eunice Simões Lins ; GOMES DA SILVA, Pierre Normando . **Ísis e a alma do**

mundo egípcio. In: II congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em teologia e ciências da religião- ANPTECRE, 2009, Belo Horizonte. III Simpósio Internacional de teologia e Ciências da Religião. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009. v. único. p. 41-57.

GRALHA, Julio. **Deuses, Faraós e o Poder:** Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito 1550-1070 a.C.. 1. ed. Rio de Janeiro: Barroso Produções, 2002. v. 2000.

HERMANN, Jaqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1999
JACQ, Christian. **O Mundo Mágico do Antigo Egito.** 1º Edição. Tradução Egito Gonçalves. Lisboa: Editora Asa. 2000.

MAUSS. Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia.** Tradução José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70.

NOBLECOURT, Christiane. **A mulher no tempo dos faraós.** São Paulo: Papyrus, 1994.

OLIVEIRA, Rodrigo S. M. **Relações de Poder e Magia na obra Metamorfoses de Lúcio Apuleio.** In: XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2009, Goiânia-GO. Anais eletrônicos do VI Simpósio Nacional da ABHR. Goiânia-GO: Ed. UCG, 2009.

OMENA, Luciane M. de. **A magia como exercício de poder utilizada pelas mulheres fictícias nas metamorfoses de Lúcio Apuleio.** *Caderno Espaço Feminino.* V. 21, n. 1
PESAVENTO, Sandra. **História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **Em busca de um método:** as estratégias do fazer história. In. *História e História cultural.* Belo Horizonte, Ed Autentica, 2008, p.64-66.

PINCH, Geraldine. **Magic in Ancient Egypt.** Austin: Universidade do Texas, 1994.

PROUST, Antoine. **Social e Cultural indissociavelmente.** In: RIOUX, Jean-Pierre;

SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história Cultural.** Editora Estampa.

ROCHA, Everardo. **O que é mito.** 9º reimpressão da primeira edição de 1985. São Paulo: Brasiliense, 2001. Coleção Primeiros Passos. Nº 151.

SILVA, Milton Afonso. **A Sátira.** Revista IDIOMA. Rio de Janeiro: nº 22. 2002.

SILVA, Suiany Bueno. **Magia, Metamorfose e a Metáfora da Escravidão no romance Metamorfoses, de Lúcio Apuleio.** In: I Congresso Internacional de Religião Mito e

Magia no Mundo Antigo, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I Congresso Internacional de Religião Mito e Magia no Mundo Antigo. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010. p. 401-412.

SILVA, Semíramis Corsi. **Relações de poder em um processo de magia no século II d.C. Uma análise do discurso Apologia de Apuleio.** Dissertação de Mestrado. Franca: UNESP, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2006.

SILVEIRA, Maria Valias Andrade. **Expressões de continuidades afrodescendente.** Revista Ñanduty (Mato Grosso do Sul). Vol. 2, N. 2 .janeiro a junho de 2014.

SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história Cultural.** Editora Estampa.

TASSINARI, A. M. I. **Sociedades Indígenas:** introdução a tema da diversidade cultural. In: Aracy Lopes da Silva; Luís Donizete Benzi Grupioni. (Org.). A Temática Indígena na Escola. 2ed.São Paulo: Global, 1998, v. 1, p. 445-473.

TRAUNECKER, Claude. **Os deuses do Egito.** Trad. de Emanuel Araujo. Brasília.

TURCAN, R. **Cults of the Roman Empire.** Oxford: Blackwell Publishing, 1996.

VASQUES, MárciaSeverina. **A religiãoisíaca no Egitogreco-romano:** as estatuetas de terracota. 2000. v.1. 83p. Dissertação (MestradoemHistória). Faculdade de Filosofia, Letras e CiênciasHumanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VERSLUIS, Artur. **Os mistérios egípcios.** SP: Cultrix, 1991.

VEYNE, Paul. **A Sociedade Romana.** Trad. de Maria G. de Bragança. Lisboa: Edições 70, 1993.

WILKINSON, Richard H. **Symbol & Magic in Egyptian Art.** London: Thames &Hudson, 1994.